

O ENSINO RELIGIOSO COMO DISCIPLINA ESCOLAR: MONSENHOR ÁLVARO NEGROMONTE E A PEDAGOGIA DO CATECISMO

Andréia Martins¹

Universidade Federal do Piauí andreiamartins.ufpi@gmail.com

Resumo

Este trabalho objetiva analisar o livro “Pedagogia do Catecismo” do autor Monsenhor Álvaro Negromonte, esta foi uma obra voltada para a formação de professores nos cursos de magistério a partir da década de 30 do século vinte. A questão norteadora desta pesquisa é o entendimento de como o autor Negromonte se apropriou das novas pedagogias em seu livro para a instituição do ensino religioso como uma disciplina escolar nas escolas públicas. A abordagem da investigação é a qualitativa, utilizando a análise documental como metodologia. Este estudo contribui para entendermos a maneira como a Igreja Católica se apropriou das novas pedagogias em seus livros didáticos para a instituição do ensino religioso nas escolas públicas no Brasil.

Palavras-chave: Ensino. Religioso. Escola. Pública.

¹ Doutora em História da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora Adjunta do Curso de Pedagogia da UFPI, campus Amílcar Ferreira Sobral.

Introdução

Em 1930 Getúlio Vargas chega ao poder, tornando-se presidente do Brasil, acontecimento que levou alguns autores a denominarem de Revolução de 1930; outros argumentam que a chegada de Vargas ao poder não se caracterizou por uma revolução e sim por um movimento heterogêneo do ponto de vista de suas bases sociais e de suas aspirações políticas. Vários eram os grupos e interesses que apoiaram a subida de Vargas ao poder, entre os mais influentes destacou-se a Igreja Católica².

Em 14 de novembro de 1930 foi criado o Ministério da Educação e Saúde Pública, um dos primeiros ministérios instituídos por Getúlio Vargas que havia tomado posse em 3 de novembro. Nomeou para este cargo o mineiro Francisco Campos, que havia promovido a reforma pelo movimento da Escola Nova em Minas Gerais em 1927, um católico e antiliberal (HILSDORF, 2005). Como uma de suas primeiras ações, em 30 abril de 1931 decretou a volta do ensino religioso facultativo nas escolas públicas, decreto nº 19.941. A partir do referido decreto a Igreja Católica se estrutura para tomar a frente da implementação do Ensino Religioso como disciplina escolar nas escolas públicas brasileiras. Entre as suas estratégias se destacou a organização de manuais didáticos para serem utilizados nas aulas de religião nas escolas particulares e públicas no Brasil.

Este texto objetiva analisar o livro “Pedagogia do Catecismo” do autor Monsenhor Álvaro Negromonte, esta foi uma obra voltada para a formação de professores nos cursos de magistério a partir da década de 30 do século vinte. E que teve grande circulação no território nacional.

Metodologia, Resultado e Discussões

A pesquisa realizou uma análise do manual de formação de professores catequistas de Negromonte, nos valeremos das contribuições de Choppin (2002), o qual nos informa que nos últimos trinta anos vê-se um aumento de pesquisas relacionadas às produções de livros didáticos. Os livros didáticos são objetos culturais muito complexos. Constituem em uma coisa chamada de “tradição escolar”, faz parte do cotidiano escolar há, pelo menos, dois

² Este trabalho é parte das pesquisas realizada para a tese de doutorado intitulada: O ensino religioso nas escolas públicas paulistas: relações entre Estado, Igreja e Educação (1931 – 1961). Que contou com o financiamento da CAPES.

séculos. É um objeto construído com o objetivo direto de ensinar determinado conteúdo, mas não é de fácil definição. Temos que analisá-lo a partir de vários pontos, como produção, circulação e consumo. Ao analisar a importância de o historiador utilizar os manuais didáticos como fonte histórica, Choppin (2002), destaca que:

O manual está, efetivamente, inscrito na realidade material, participa do universo cultural e sobressai-se, da mesma forma que a bandeira ou a moeda, na esfera do simbólico. Depositário de um conteúdo educativo, o manual tem, antes de mais nada, o papel de transmitir às jovens gerações os saberes, as habilidades (mesmo o "saber-ser") os quais, em uma dada área e a um dado momento, são julgados indispensáveis à sociedade para perpetuar-se. Mas, além desse conteúdo objetivo cujos programas oficiais constituem a trama, em numerosos países, o livro de classe veicula, de maneira mais ou menos sutil, mais ou menos implícita, um sistema de valores morais, religiosos, políticos, uma ideologia que conduz ao grupo social de que ele é a emanção: participa, assim, estreitamente do processo de socialização, de aculturação (até mesmo de doutrinação) da juventude. É, igualmente, um instrumento pedagógico, na medida em que propõe métodos e técnicas de aprendizagem, que as instruções oficiais ou os prefácios não poderiam fornecer senão os objetivos ou os princípios orientadores. Enquanto objeto fabricado, difundido e "consumido", o manual está sujeito às limitações técnicas de sua época e participa de um sistema econômico cujas regras e usos, tanto no nível da produção como do consumo, influem necessariamente na sua concepção quanto na sua realização material (CHOPPIN, 2002, p. 14).

Para a realização de pesquisas utilizando os manuais didáticos como fonte, é necessário entender que o livro possui uma "articulação entre as prescrições impostas, abstratas e gerais dos programas oficiais - quando existem - e o discurso singular e concreto" (CHOPPIN, 2002, p. 14). Outro ponto que necessita de atenção para a análise de livros didáticos é o entendimento que eles não podem ser analisados de maneira isolada, pois, são reflexos da sociedade e do tempo histórico de sua escrita e publicação.

A Pedagogia do Catecismo foi publicada em 1938 pelo Monsenhor Álvaro Negromonte³, com o objetivo de ser uma obra didática utilizada para a formação das professoras catequistas. Negromonte foi autor de referendadas obras que versavam sobre o ensino da religião católica para os níveis de ensino primário, ginásial e normal. Manuais voltados para a formação das professoras catequistas nos cursos normais, dentro dos modernos princípios pedagógicos da Escola Nova.

³ O Monsenhor Álvaro Negromonte defendeu a renovação catequética desde o início da sua carreira religiosa, associando o seu trabalho como catequista aos debates a respeito da Pedagogia Moderna e da Escola Nova. A partir de 1927 integrou-se definitivamente à educação catequética, o que deu visibilidade à sua carreira sacerdotal. Publicou uma coleção de manuais de catecismo e diversos livros de caráter formativo, sendo um dos intelectuais que participou da implementação dos ideais da Escola Nova em Minas Gerais. Simpatizante do movimento, vice-presidente da Sociedade Pestalozzi, escreveu toda a sua coleção de catecismos pautada nos ideais escolanovistas, dos quais era defensor. (<http://www2.faced.ufu.br/columbe06/anais/arquivos/162EvelyndeAlmeidaOrlando.pdf> acesso 22/11/2015)

Havia uma enorme discussão sobre os métodos ativos no início do século XX. Também chamado de escola de iniciativa, termos usados para o movimento de renovação educacional da época. O método tinha como foco a aprendizagem dos alunos, das crianças. Para Lourenço Filho, o Método Ativo podia ser assim explicado:

[...] aprende-se observando, pesquisando, perguntando, trabalhando, construindo, pensando e resolvendo situações problemáticas apresentadas, quer em relação a um ambiente de coisas, de objetos e ações práticas, quer em situações de sentido social e moral, reais ou simbólicos. (LOURENÇO FILHO, 1978, p. 151).

Lourenço Filho (1978) informa que em São Paulo havia escolas pioneiras na aplicação dos métodos ativos, eram elas; a Escola Experimental Rio Branco, a Escola Modelo, anexa à escola Normal da Praça da República, hoje Instituto Caetano de Campos e a Escola Americana, atual Instituto Mackenzie, começando com os cursos primários.

Manacorda (2004) afirma que as escolas ativas tinham grande enfoque na espontaneidade das crianças, na necessidade de entender e aderir ao desenvolvimento psicológico infantil por meio de formas adequadas, utilizando jogos, atividades livres, o desenvolvimento afetivo e a socialização.

As propostas de trabalhos pedagógicos com os métodos ativos no Brasil ganharam a forma de um grande movimento pedagógico, auto-intitulado por seus signatários de Movimento da Escola Nova. Para Diana Vidal e André Paulino:

A expressão escola nova designou um movimento de renovação dos processos educacionais, apoiado no progresso das ciências biológicas e psicológicas, nas atribuições sociais da escola, no industrialismo, na atividade infantil e no trabalho em solidariedade (VIDAL e PAULINO, 2003, p.375).

Nos levantamentos bibliográficos percebe-se em vários momentos a utilização da nomenclatura “Métodos Ativos” tendo o mesmo significado de “Escola Nova”. Mas, no documento elaborado pela Igreja Católica no geral se utiliza a nomenclatura descrita como Método Ativo, deixando evidenciado o método de ensino, a questão pedagógica, não estabelecendo nenhuma relação com o Movimento Político de Fernando Azevedo e seus demais signatários.

As obras de Monsenhor Negromonte discutiam questões como relacionamentos familiares, vida cristã, casamentos, história da Igreja, como podemos conferir nos seguintes títulos: Meu Catecismo (1º ano primário); Meu catecismo (2º ano primário); Meu catecismo (3º ano primário); Meu catecismo (4º ano primário); Manual de Religião (curso elementar); Minha vida cristã (1ª série ginásial); A doutrina viva (2ª série ginásial); As fontes do salvador: (83) 3322.3222

missa e sacramentos (3ª série ginásial); O caminho da vida: moral cristã (4ª série ginásial); História da igreja (1º ano colegial); Pedagogia do catecismo (curso normal); Guia do catequista (para o Meu catecismo 1º e 2º ano); Guia do catequista (para o Meu catecismo 3º ano); Guia do catequista (para o Meu catecismo 4º ano); O que fazer de seu filho: problemas fundamentais da educação; A vida de Jesus para infância e juventude – ilustrações de Santa Rosa; Noivos e esposos: problemas do matrimônio e A educação sexual: para pais e educadores.

A obra que serviu como base para a formação dos professores foi *A pedagogia do catecismo*, indicada para ser usada nos cursos de magistério, publicada pela primeira vez em 1938 pela Editora Vozes do Rio de Janeiro. A partir da terceira edição passou a ser publicado pela Livraria José Olympio Editora, em 1950, uma das maiores editoras brasileiras nas décadas de 40, 50 e 60 do século 20. A edição que tivemos acesso para a realização da análise proposta será a nona, datada de 1961. O manual de formação de professores de Negromonte teve muitas edições, e foi a grande referência do ensino de catecismo nas décadas de 30, 40, 50 e 60. É um livro de 252 páginas, sem ilustração, fundamentado nas diretrizes teológicas da Igreja. O que chama a atenção foi a maneira como o autor apropria-se e descreve como trabalhar os conteúdos teológicos dentro dos denominados métodos ativos.

A obra foi dividida em três partes, a primeira objetivou apresentar a necessidade do catecismo, suas finalidades, como se constitui a formação moral e cristã do aluno e a educação dos membros da Igreja Católica para a vida cristã. A segunda parte dedicou-se a descrever sobre os deveres da Igreja, de seus membros em relação ao catecismo, o ensino da religião nos colégios católicos, a formação intelectual e pedagógica dos catequistas. A terceira parte teve como foco a metodologia, realizando uma discussão sobre a psicologia das crianças, o trabalho com a memória, problemas relacionados com a disciplina dos alunos nas aulas, premiações, castigos, como ensinar dogmas, moral, liturgia, história sagrada, história da Igreja e os mandamentos bíblicos e institucionais.

Segundo Padre Álvaro Negromonte (1961), para que uma professora se tornasse uma boa catequista era fundamental uma rigorosa preparação intelectual dentro da formação teológica da Igreja, agregada a uma preparação espiritual e moral. Partindo deste princípio, suas aulas poderiam alcançar os objetivos de um bom ensino, a professora deveria ter conhecimento metodológico e uma pedagogia específica.

Dois sérios problemas preocupam aqui a catequista, dar boas aulas, formar bons cristãos. O primeiro é de metodologia, o segundo é de pedagogia cristã no que têm de essencial. Mas ambos se jogam na mesma classe, sobre os mesmos alunos. O segundo depende muito do primeiro e se arriscará sem ele. Mas, se o segundo falhar, tudo está perdido. (NEGOMONTE, 1961, p. 104)

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

Em relação aos modernos métodos pedagógicos, Monsenhor Álvaro reafirmou que esta era uma discussão inteiramente desnecessária, pois, estes já estavam sendo usados nos livros da Igreja, tanto os nacionais como nos livros estrangeiros que circulavam pelo Brasil.

A Igreja, longe de temer os progressos de qualquer ciência, lança mão deles em favor de sua ação santificadora. Neste sentido devemos nos alegrar de todos os verdadeiros progressos. Leão XIII disse, com real felicidade que toda a verdade é católica. (NEGROM ONTE, 1961, p. 105 e 106)

Para o autor caberia às professoras catequistas aproveitar os novos métodos da maneira mais apropriada. Não era possível que continuassem a ensinar o catecismo como há cinquenta anos, se as demais disciplinas escolares já utilizavam os novos métodos, a disciplina catequética deveria ser aplicada a metodologia geral, sem fazer distinção. Como indicativo para o trabalho das professoras foi proposto uma relação de livros nacionais e internacionais.

A literatura estrangeira está enriquecida com obras catequéticas em dia com tudo o que a pedagogia tem de mais novo. Entre nós foi a senhorita Waleska Paixão que iniciou esta literatura com seus “Cadernos Catequéticos”. Em tradução temos quase todos os livros do Cônego Quinet e o “Catecismo segundo o Evangelho” do Padre Eugênio Charles. De Quinet saliento as “Lições Catequéticas” com alguns defeitos (muito formalismo ainda) e ótimas sugestões e “Para pequeninos no jardim da infância”, a verdadeira obra-prima da literatura catequética mundial. De Stieglitz estão traduzidos os “Esboços catequéticos”, muito bons e os quatro volumes do “Manual do Catecismo” cujas catequeses as nossas catequistas certamente acharão muito longas, embora muito boas. As “Horas catequéticas” de Schreiner curtas, simples, práticas, são ótimo subsídio para boas aulas. A “Explicação do Pequeno Catecismo” de Slat er, apesar das repetições algo cansativo, presta bons ofícios. O “Caminho espiritual” de Madre Bolton preocupa-se de impregnar de Cristo o pequeno cristão, nas mesma linha de Mlle. Hemptine no “Catecismo dos meninos”. Embora livro de texto “A Vida em Cristo” de D. Tarcísio merece ser citado pelo tom novo e vital de apresentar a doutrina. A coleção de folhetos de formação para a Cruzada Eucarística fornece boas ideias e meios muito úteis. O “Boletim Catequético” e a “Revista Catequética” prestam inestimáveis serviços. (NEGROM ONTE, 1961, p. 105 e 106)

Havia a circulação de uma vasta literatura estrangeira no Brasil, sobretudo de autores europeus, que já estavam fazendo uma apropriação dos métodos ativos para o ensino do catecismo. “A pedagogia do Catecismo” destacava que as professoras deveriam apegar-se a três pontos fundamentais; compreender, respeitar e amar as crianças. Afirmava ser necessário que as professoras se dedicassem a entender a psicologia infantil, destacando que cada criança possuía suas especificidades. Apontou também a importância de se respeitar a criança,

adaptar-se ao mundo infantil e “deixar que ela seja criança enquanto o tempo não a transforma” (NEGROMONTE, 1961, p. 108).

Para a realização da preparação das aulas era proposto por Negromonte (1961), a exigência que a professora catequista tivesse um bom conhecimento da doutrina católica, boa vida cristã e um aparelhamento pedagógico profícuo. Mas, advertia o autor que apenas estes três indicativos não bastavam para uma boa aula: “Cada aula requer um trabalho especial e uma preparação imediata, cuja ausência será suficiente para enfraquecer a lição do melhor teólogo, do mais perfeito pedagogo” (p. 110)

As aulas para o ensino primário deveriam ser preparadas de acordo com os seguintes passos: - Um trecho do evangelho, podendo ser um fato ou parábola; - Doutrina; - A formação, com 4 pontos, compostos por questões como: hábito cristão, hábitos piedosos, liturgia e apostolado. As aulas sempre deveriam terminar com algumas perguntas, que seriam propostas pela professora e pelas crianças, as catequistas deveriam pensar antecipadamente em tais questões e preparar possíveis respostas.

Para que a aprendizagem fosse efetivada pelas crianças era solicitada atenção em relação aos materiais didáticos selecionados para cada aula:

O ensino intuitivo quer ainda mais do que histórias, comparações e exemplos. O que é possível mostrar não se descreve: - mostra-se. O material didático é indispensável. Mas que material nos é indispensável a esta aula? Na coleção de quadros, escolheremos o que nos convém; um santinho explicará bem esta passagem; um desenho a colorir ou copiar; dois meninos brigando servirão para ilustrar o exemplo que preparamos; uma notícia de jornal, contando o desastre que aconteceu à criança que foi nadar sozinha às escondidas; um recorte tirado duma revista com um clichê das Missões... Uma série de coisas, que é preciso preparar de antemão. (NEGROMONTE, 1961, p. 113)

No manual proposto por Monsenhor Negromonte (1961) é indicado um roteiro de como manter a atenção dos alunos e como fazê-los decorar a lição.

Tabela 1 - Etapa do trabalho pedagógico: como manter a atenção da criança

ETAPAS	COMO MANTER A ATENÇÃO DA CRIANÇA
1	Despertar a curiosidade e o interesse da criança: atenção espontânea.
2	Empregar material didático e saber empregá-lo.
3	Trazer a criança sempre ocupada, quer com o material didático, quer com freqüentes perguntas.
4	Entremear com histórias oportunas a lição



5	Preparar bem a lição, para falar com clareza
6	Adaptar-se à criança no modo de falar, pensar, sentir e agir.
7	Proceder por indução mais que por dedução
8	Limitar as ideias de cada aula
9	Fazer a aula curta, para não cansar as crianças, ou variar de trabalho durante a aula.
10	Falar aos sentimentos, despertando-os.
11	Escolher para a aula a melhor hora e o melhor local.
12	Usar de emulações inteligentes.
13	Aproveitar nas aulas os fatos do momento, que interessam as crianças.
14	Acostumar aos poucos à reflexão e ao esforço pela formação da vontade

Fonte: (NEGROMONTE, 1961, p. 127 e 128)

Para a realização do ensino era necessário manter a atenção da criança de maneira espontânea, com materiais didáticos adequados, fazendo com que ela estivesse sempre ocupada, ir induzindo a formação e construção do pensamento infantil. Negromonte advertia as professoras que elas não deveriam gritar com as crianças, e o ensino deveria ser baseado nos interesses das crianças e no “despertar da inteligência”.

É descrita, com esta finalidade, uma sequência de estratégias para que as docentes fizessem com que os alunos decorassem as lições:

Tabela 2 - Etapa do trabalho pedagógico: como fazer a criança decorar

ETAPAS	COMO FAZER DECORAR
1	A primeira regra é que a criança antes entenda o que vai decorar. Além de mais durável, a memorização inteligente é muito mais fácil. Aprende-se muito mais rápido e duradouramente uma frase de vinte palavras sem sentido. Para as aulas em comum só se deve decorar o que a maioria dos alunos entende.
2	Se o trecho não é grande, como em geral não o são as respostas do Catecismo, é mais fácil aprende-lo em conjunto que por partes. Porque é preciso não quebrar o sentido – o que reduzirá a memória.
3	Decora-se mais com repetições espaçadas do que ininterruptas.
4	A hora tem notável influência. <u>Lay</u> e <u>Larguier</u> determinaram como mais eficientes as primeiras horas da noite. <u>Riboulet</u> fala igualmente das primeiras horas do dia.
5	A atenção é grande auxiliar da memória. O maior dos meios ativos. Importa desperta -la e acostumar a criança a aplica-la.
6	Da vontade se pode dizer o mesmo. Quando se que, aprende-se mais facilmente. <u>Aall</u> chega a dizer que logo esquecemos o que queremos aprender por pouco tempo; mas conservamos o que temos intenção de reter por mais longo tempo. É arte da catequista conseguir que a

	criança queira.
7	Em compensação, há grande dificuldade para o que se vai fazer constrangido. A disposição do espírito contribui igualmente de modo notável. Seria contraproducente obrigar uma criança irritada ou fadigada a decorar. É nosso dever despertar antes o interesse.
8	A intensidade das impressões facilita o trabalho da memória. Essas impressões podem ser psíquicas ou sensíveis. Daí o valor das histórias de aventuras, de gestos teatrais, das cores vivas, das festas bonitas, dos sentimentos vivos e profundos.
9	As impressões simultâneas ajudam muito o trabalho com a memorização. Muito raramente existe isolado um tipo de memória. Em geral, temos um pouco de cada um. É vantajoso despertar as várias impressões: a auditiva pela recitação (que será ainda melhor se for feita também pelo próprio aluno) a visual (escrever no quadro negro, por exemplo) e a motora, tão do agrado e da natureza da criança.
10	A educação da memória pelo hábito é, sem dúvida, o meio mais eficiente guardado os recursos acima indicados e outros apontados pelos autores.

Fonte: (NEGROMONTE, 1961, p. 132 e 133)

Há uma racionalização das etapas de como ensinar a criança a memorizar, sendo citados autores como Lay e Larguier, Riboulet e Aall, como importantes, porém, não se coloca nada sobre estes autores e suas obras. Nos levantamentos realizados vimos que estes são referências bibliográficas da área da psicologia experimental e desta forma, evidencia-se que ao citar os referidos autores Negromonte reafirmava que o ensino religioso nas escolas públicas deveria ser tratado como qualquer outra disciplina escolar, sempre fundamentada nos métodos racionais e fundamentados na psicologia.

A orientação geral era a de que os professores iniciassem seus trabalhos pela indução, indo do que é conhecido pelas crianças para o desconhecido, do sensível para o espiritual, do concreto para o abstrato, do particular para o geral. Para o ensino do catecismo foram criados dois métodos. O “método de São Suplício”, - um método dedutivo e o chamado “Método de Munique⁴”, que corresponde ao método indutivo. Negromonte (1961) aponta que no caso francês a opção era o trabalho com o Método de Munique. Entre os autores que trabalhavam com o método indutivo ou método de Munique, destacavam-se:

Decroly, centros de interesse, Montessori, método de projetos, etc. Estão todos os processos modernos filiados ao método indutivo, que seguimos a explanação aqui, e

⁴ Os estudos sobre o método de Munique, no Brasil, ainda são escassos assim como a sua influência na pedagogia católica brasileira, conseqüência direta da pouca atenção que o catolicismo vem recebendo dos estudos da área, sobretudo no que tange às práticas pedagógicas modernizadoras da Igreja. O método de Munique ressaltou a necessidade de se atentar para a criança, através das contribuições da Psicologia, e manteve uma relação muito próxima com a pedagogia Herbartiana, conforme lembra Passos (1998). A tese de doutoramento de Mauro Passos (1998) destaca o movimento catequético de Munique, ocorrido no início do século XX, ao tratar da influência da pedagogia herbartiana para a catequese, e aponta para a repercussão que teve, no Brasil, na década de 30, com Negromonte e Waleska Paixão. (ORLANDO, 2008)

cujos instrumentos daremos em seguida, dividindo -os em grupos . Afastados os erros, corrigidos os exageros, advertida a catequista do plano sobrenatural em que nos movemos, tudo o que a moderna metodologia tem produzido e ainda produza deve ser aproveitada no catecismo. (p. 153)

Os materiais indicados por Monsenhor Álvaro (1961) para as aulas foram apresentados da seguinte maneira:

Tabela 3 - Materiais Didáticos – como utilizar

MATERIAIS	COMO UTILIZAR
Quadros Murais	<p>Para a utilização dos quadros murais no ensino religioso eles devem ter as devidas qualidades para alcançar seus objetivos:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Verdadeiros: deve representar os fatos históricos, deve traduzi-los fielmente, deverão seguir a doutrina ortodoxamente. - Inocentes: deve servir para a santificação dos alunos, não colocar figuras que cause escândalos, nem ofender o pudor das crianças. - Belos: Os quadros murais deverão desenvolver o gosto artístico das crianças. A ausência de beleza prejudica, porque torna ridículas as figuras, o que causa prejuízo a dignidade da religião. Os quadros como as imagens, são para elevar, edificar, mover, instruindo as crianças. - Coloridos: As cores chamam mais a atenção, facilitando o trabalho da memória. Os psicólogos explicam que as cores primárias são mais do agrado das crianças, e devem ser por isso preferidas. - Simples: A matéria do quadro deve estar bem visível e destacada. M inúcias, enfeites, acúmulos de materiais afastam a atenção do objetivo principal. - Grandes: Para serem facilmente vistos pelas crianças. É preciso que as crianças possam vê-los como quiserem. Não faz mal que os toquem, porque há muita gente que só sabe ver direito com as mãos.
Álbuns	<p>São os álbuns um elemento que a boa catequista não deixará de lançar mão, pelos excelentes serviços que podem prestar. Ao propor um álbum deve deixar a maior parte dos trabalhos para as crianças, deixando a elas a impressão de iniciativa. Já existem nas classes os álbuns de história, geografia entre outros. É fácil transpor a ideia para as aulas de religião. Podem fazer álbuns sobre a quaresma, da viagem sacra, da vida de nossa senhora ou das mais bonitas igrejas do Brasil. Como fazer o álbum? Suscitando o interesse, despertando o entusiasmo, a catequista deverá fazer as crianças a fazerem. As crianças arrumarão o livro, farão a encadernação, providenciarão as estampas e todas as etapas, tendo o apoio e incentivo das professoras catequistas.</p>
Projeções	<p>As projeções luminosas são um dos auxiliares mais eficazes da catequista, sob vários aspectos vale mais que quadros e murais. As figuras aparecem maiores e luminosas, atraindo mais a curiosidade e podendo agrupar maior número de alunos. Não é recomendável usar projeções todas as semanas, pois as crianças se acostumam e o interesse diminui.</p>
Museu catequético	<p>Todas as boas escolas devem ter seus museus, e se o museu escolar possui de tudo o que interessa aos alunos, há de ter também religião, porque esta interessa ainda mais. Para montar o museu de religião deverão ser usados desenhos, modelagens, recortes, gravuras mapas, álbuns, todas as manifestações das atividades escolares estarão ali.</p>
Quadro negro	<p>Quer o catecismo seja na escola ou na igreja o quadro-negro deve ser usado. Quadros -negros pequenos, de cavalete, que as próprias crianças possam transportar. O quadro -negro tem mais facilmente a atenção das crianças, desperta o interesse, ajuda na memória, porque ao</p>

	mesmo tempo que eles ouvem e veem a escrita. Alimenta a atividade infantil, no quadro a professora escreverá as definições do catecismo, as divisões e novas palavras, hinos, fará gráficos e esquemas, desenhará objetos, fará resumos da aula para que os alunos possam melhor gravá-las.
Mapa da palestina	Ao lado do quadro negro deverá ter um bom mapa da palestina para o catecismo.

Fonte: (NEGROMONTE, 1961, p.153-163)

Negromonte (1961) propõe também a utilização de uma série de materiais didáticos modernos para melhorar a qualidade do ensino dos docentes. Materiais como; quadros-murais, álbuns, projeções, museus catequéticos, quadro-negro e mapas, em especial o da Palestina. Ao propor os materiais a serem utilizados nas aulas, ele descrevia a função de cada um deles e como estes deveriam ser usados pelas professoras. E, reiterava sempre que era fundamental a utilização destes materiais pelos professores da mesma forma que as outras disciplinas escolares já haviam se apropriado destes materiais para a melhoria da aprendizagem das crianças e que o ensino de religião, como qualquer outra disciplina, também deveria se apropriar das novas metodologias.

Considerações finais

Monsenhor Álvaro Negromonte ao escrever o livro “A pedagogia do Catecismo” insere uma forma escolar ao ensino de religião. Objetivando que este se efetivasse como uma disciplina dos currículos escolares das escolas públicas. Ao propor que o livro fosse referência bibliográfica nos cursos de formação de professores, no Curso Normal, ele tinha a ciência que uma disciplina escolar só se efetiva nas escolas se os professores tiverem conhecimento e forem convencidos que este conteúdo se faz pertinente em um processo de educação escolar.

A utilização pelos professores de ensino religioso dos materiais propostos por Negromonte (1961) reforça a racionalização da forma escolar que estava sendo atribuída ao ensino religioso. Após o autor descrever os materiais, sua importância e a forma de utilização dos mesmos, segue-se a apresentação de uma série de recursos didáticos, como; exemplos, comparações, histórias e parábolas. Para cada recurso didático proposto o autor explica a utilização e descreve propostas de utilização. É descrito também como necessários para um melhor entendimento do ensino religioso alguns “auxiliares do ensino”, tais como: excursões, deveres escritos, jogos, trabalhos manuais, controle de conhecimentos e dramatizações. Desta forma, o autor, em seu manual apresenta uma completa metodologia de apropriação dos

Métodos Ativos e explícita como a Igreja Católica se apropriou das novas pedagogias em seus livros didáticos.

Referências Bibliográficas

CHOPPIN, Alan. O historiador e o livro escolar. In.: **História da Educação**. ASPHE / FAE/UFPEL. Pelotas (11): 5 a 24, Abril de 2002.

_____. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.30, n.3, p.549-571, set./dez., 2004.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **História da educação brasileira: leituras**. São Paulo: Thomson Editora, 2003.

LOURENÇO FILHO, Manuel B. **Introdução ao estudo da escola nova**. 12ª ed. São Paulo: Melhoramentos, [1929] 1978.

MANACORDA, Mario A. 2004. **História da Educação: da antiguidade aos nossos dias**. 11. ed. São Paulo: Cortez.

NEGROMONTE, Alvaro (padre). **A Pedagogia do Catecismo**. 3ª edição. Livraria José Olímpio Editora, RJ/SP, 1950.

ORLANDO, Evelyn de Almeida. A Biblioteca da catequista: vestígios da circulação internacional de modelos pedagógicos nas leituras prescritas para as professoras católicas. In.: **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, nº 58, p. 210-229, set2014 – ISSN: 1676-2584.

_____. Monsenhor Álvaro Negromonte, o silêncio das fontes e o campo religioso. In.: <http://www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/162EvelyndeAlmeidaOrlando.pdf> acesso 22/11/2015.

VIDAL, Diana Gonçalves; PAULILO, André Luiz. Projetos e estratégias de implementação da escola nova na capital do Brasil (1922-1935). In. MAGALDI, Ana Maria de Mello; et al (org.). **Educação no Brasil: história, cultura e política**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003. p.375-398.